

# Reconstruir vidas

Nas Doze Ribeiras, quase todas as casas caíram por terra com o sismo de 1980. Foi ouvir as histórias de quem teve de reconstruir a vida.



Tarciso Meneses estava onde hoje é a Sociedade Filarmónica das Doze Ribeiras quando um barulho começou a subir, vindo do mar. A terra sacudiu e tudo caiu em volta, as casas e os muros dos cerrados. O caminho abriu-se em fendas. O ar encheu-se de poeira e de gritos.

Para o então jovem de 22 anos, foi um dia para nunca mais esquecer. Nas Doze Ribeiras, contam-se pelos dedos de uma mão as casas que ficaram em condições de ser habitadas depois do sismo. Mas foi a perda da irmã mais nova, com 18 anos, que o marcou. A mãe guardou a dor para o resto da vida.

“Quando cheguei ao que tinha sido

a minha casa, a minha irmã já tinha falecido e estava tudo caído. Ainda a levei para o hospital... Já se via que não havia nada a fazer, mas a minha mãe insistia que ela estava desmaiada. Não tive coragem de a contrariar”, conta.

No hospital, enfrentou um cenário a que ainda hoje por vezes regressa. “Fez-me um mal... Aquele corredor do banco de urgências estava cheio de gente. Uns falecidos, outros com pernas partidas, cabeças rachadas. Levei muito tempo sem tirar aquilo do juízo para fora. Parecia uma guerra”, diz.

Quando fala nisso, as lágrimas regressam-lhe sempre aos olhos. “E já lá vão 40 anos”, afirma, abanando a cabeça, ao lado da árvore de Natal e do presépio, nesta noite de inverno.

O sociólogo José Manuel Mendes, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, explica que, para as vítimas de catástrofes como foi o sismo de 80, para aqueles que não perderam apenas coisas, mas sim pessoas, as marcas permanecem: “Nunca há o chamado ‘closure’, aquele capítulo nunca é completamente encerrado”. ❧



FOTOGRAFIA: LUIRO TERRAMOTO 1.1.80 / INOVAS/IMAGES

## A SORTE E O AZAR



Hoje com 89 anos, Jerónimo Costa tinha já toda uma vida feita quando o sismo desfez parte dela. Perdeu o pai, mas as filhas salvaram-se por pouco. A fronteira que separa a sorte do azar por vezes é ténue. “Tive sorte”, diz.

Funcionário da UNICOL, regres-

sava naquele dia a casa, com um novo leitãozinho debaixo do braço. As duas filhas tinham passado o dia na cama, uma delas estava doente. Quando o pai chegou, a que estava bem saiu e a outra foi até à sala. O terramoto fez a placa cair, naquela altura, sobre o quarto das

meninas, com oito e sete anos.

“A minha filha que estava dentro de casa encostou-se para a parede, houve um tirante que caiu em cima do frigorífico e ela ficou debaixo do tirante. Depois, foi uma inquietação para abrir as portas para ela sair. Fomos felizes nesta parte”, diz.

O pai de Jerónimo Costa, com 87 anos, ficou entre as pedras. “Muita gente esteve lá, vizinhos e tudo, à procura dele e lá sentimos gemer... Tirámos a pedra, o que foi muito difícil, de cima dele e foi para o hospital. Morreu cinco dias depois”.

Nas Doze Ribeiras, houve três vítimas mortais. “A igreja caiu, caiu tudo. De mais de 300 casas, fica-

ram a junta de freguesia e a escola, que eram obras recentes, e duas outras casas. O resto, foi tudo para o chão”, descreve.

Também ele recorda o “fumo” de poeira que não deixava ver nada. Depois, começaram a chegar os militares, as forças norte-americanas, para ajudar.

A família acabou por ir para o Raminho. Da população, houve quem ficasse em barracas, outros foram para casa de familiares. “Foi um desatino”, afirma. Fizeram-se muitas barracas de madeira, uma delas ainda permanece, no fim da freguesia, como um testemunho daquele tempo.

Apesar das paredes terem caído, houve poucos roubos: “O que exist-

tiu foi muito auxílio. Os americanos, de pessoas de outras freguesias...”.

Com a reconstrução, a estrada alargou-se e as construções afilaram-se. As casas ganharam outras comodidades, como casa de banho. A água canalizada chegou às Doze Ribeiras.

Também a casa de Jerónimo Costa foi reconstruída, com cimento e ferro doados pelo Governo Regional e um empréstimo à banca de 1800 contos. Houve erros. “Asneiras, especialmente na telha. Mandaram vir telha de fora e os pedreiros de cá não sabiam trabalhar com ela. Deram em cortar para encaixar e isso trouxe problemas”, explica.

Jerónimo Costa vê os sismos com espírito prático. Quando era rapaz, já os sentia. Lembra que há uma antiga procissão que nasceu do medo do vulcão da Serreta: “Temos de viver com isto”. ❏



## A RECONSTRUÇÃO



Ainda hoje, Maria Alice Dias, na altura quase com 19 anos, se pergunta como foi capaz de saltar de um muro tão alto. Uma amiga também saltou, naqueles segundos em que as casas caíam e os postes da luz tombavam. “Nunca soube como conseguimos ir para o caminho sem nos magoarmos”, diz.

A casa onde vivia apenas com a mãe, depois do pai ter falecido, caiu. Foram-se “aconchegando” na casa de um tio, ao lado, que tinha cozinha. Depois vieram as “barracas da tropa”. As brancas eram para dormir e as verdes guardavam os pertences que restaram. “Dormiam nove pessoas naquela barraquinha branca”, relata.

Também viveu algum tempo numa barraquinha de madeira. Mais tarde, a casa seria reconstruída pela Engenharia Militar portuguesa.

Considera uma sorte que não tenha morrido mais gente. Se o terramoto tivesse começado de noite, teria

sido mais duro. “Teria morrido, provavelmente, mais gente aqui na freguesia. Ficámos com duas casas em que se conseguisse morar lá”, lembra.

Conta o caso de uma rapariga um pouco mais nova do que ela, que ficou muito tempo debaixo dos escombros, sem ninguém saber dela: “Houve uma pedra que fez ponte e ela ficou sempre lá debaixo. Procurou-se e procurou-se... No fim, magoou-se muito pouco”.

A mãe de Maria Alice Dias foi uma figura central, na escola, a distribuir

roupa e alimentos pelas pessoas. Muita gente ficou alojada no edifício. Também era lá que eram prestados alguns cuidados de saúde. Os americanos deram muito, sublinha, especialmente roupa. “Foi uma ajuda preciosa”, garante.

O livro “Friends in Need. Terramoto de 1980 na Ilha Terceira. A Ajuda Norte-Americana”, de Michael Peters, aborda o importante papel das forças militares americanas estacionadas na Base das Lajes na ajuda à população, que foi desde medicamentos e roupa até à remoção de

escombros e apoio à reconstrução. “Uma vez assegurado que a Base das Lajes estava funcional e podia oferecer apoio, os americanos viraram-se para os seus amigos e vizinhos ilhéus”, escreve Peters.

O sismo tirou população à freguesia. Alguns saíram, outros emigraram. Hoje, as Doze Ribeiras enfrentam outro problema, que é a desertificação. “Temos poucas crianças”, resume Maria Alice Dias, uma mulher envolvida na comunidade, da junta de freguesia até ao grupo folclórico.

Em 1980, a normalidade foi regressando, como sempre acontece. Tariso Meneses levou perto de seis meses a dormir numa garagem na Canada das Relvas, que pertencia a uma irmã de um cunhado. Ficavam lá 14 pessoas. O último a entrar fechava a porta e estendia o seu colchão, senão não cabia.

Construiu a barraquinha em madeira, como muita gente fez na freguesia. Quando a planta da nova casa ficou pronta e foi dada autorização para começar a construir, os dias ganharam horas e horas de trabalho. A família recorreu a um empréstimo e recebeu materiais. “Não havia mestres. Sempre tive vacas, mais o meu pai, e vi-me obrigado a trabalhar de mestre. Ia vendo o que os outros faziam. Hoje, não tinha medo de trabalhar nas obras”, ri-se. A casa ficou pronta para habitar em 1982. Vai fazendo pazes com o resto. ❏



FOTOGRAFIA LIVRO TERRAMOTO ILHA NOVAS IMAGENS